

Vol 6 Issue 11 August 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinteau Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DESENVOLVIDO NOS GALPÕES DOS BOIS-BUMBÁS PARA OS ARTESÃOS NA REALIDADE DE PARINTINS



Rosângela de Oliveira Araújo¹; Karla Patrícia Palmeira Frota²; Cintia Santos da Silva³; Ariadna Nunes Aguiar⁴; José Antônio Nunes Aguiar⁵

¹Especialista em Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável, pela FSDB.

²Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela UFAM.

³Especialista em Psicologia Clínica com Ênfase na Infância, pelo UNINORTE./LAUREATE.

⁴Pós-graduanda em Docência do Ensino Superior, pela UNOPAR

⁵Pós-graduando em Direito Processual Penal, pela Faculdade Damásio Educacional.

RESUMO

O cenário do Festival folclórico de Parintins, no Amazonas, é algo majestoso e belo para aqueles que o vivenciam e o contemplam. Geralmente, as pessoas que trabalham nos bastidores desse festival, dentro dos galpões dos Bois, não aparecem nas telas dos televisores espalhados em diferentes residências e nem na hora da apresentação do festival. No entanto, eles são muitos e os maiores responsáveis pela produção artística que lá se faz presente. Sendo assim, com o intuito de dar maior significado para a presente pesquisa, será apresentada qual a importância do trabalho desenvolvido nos galpões dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso para os artesãos na realidade de Parintins. Vale ressaltar que este trabalho está pautado numa abordagem de cunho bibliográfico e etnográfico, realizado na cidade de Parintins, no Amazonas, no ano de 2007, com dez trabalhadores desses galpões.

PALAVRAS-CHAVE : Artesãos; Trabalho; Galpões.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pautou-se no intuito de analisar a importância do trabalho dos artesãos em suas atividades desenvolvidas nos galpões dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, no município de Parintins, no Amazonas, tendo por base suas condições de vida.

Desse modo, buscou-se analisar qual a importância desse trabalho para esses artesãos na realidade de Parintins. Nessa esteira, a pesquisa pautou-se em procedimentos metodológicos que se desenvolveram numa abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e etnográfico.

Para tanto, optou-se em apontar um suporte teórico de autores desta linha de abordagem. Na pesquisa empírica, foram realizadas entrevistas abertas e fechadas, conduzidas a partir de um roteiro. Essa pesquisa ocorreu em janeiro e junho do ano de 2007. Em seguida, procedeu-se a análise e a interpretação dos dados coletados nas entrevistas.

A pesquisa de campo foi um momento de grande desafio, pois exigiu o deslocamento para o município de Parintins, no mês de janeiro, época esta em que os trabalhadores dos bois se encontram, em sua maioria, fora da cidade, haja vista serem solicitados para outros eventos dentro e fora do Estado.

Outro momento desta pesquisa ocorreu em junho de 2007, período em que as imagens de interesse da pesquisa foram registradas por meio de uma máquina fotográfica, resultando em muitas fotos de momentos

variados do festival e do período que o antecede.

Outro grande momento da pesquisa de campo deu-se durante a apresentação do Festival do Boi-Bumbá. No entanto, não foi possível realizar novas entrevistas nesse momento, pois o ritmo das atividades dos artesãos era intenso e eles não tinham nenhuma disponibilidade de tempo, senão para as particularidades que envolvem o Festival.

O TRABALHO DOS ARTESÃOS NOS GALPÕES

O trabalho desenvolvido pelos artesãos nos galpões dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, em Parintins, no Amazonas, quanto a sua importância, é visto de vários ângulos pelos próprios trabalhadores que compõem o espetáculo, em seus bastidores e fora dele. Para tal, tornou-se necessário pontuar a fala de cada um dos entrevistados.

Em relação aos benefícios que as atividades desenvolvidas trazem para a vida desses trabalhadores, elencamos alguns que aparecem a seguir:

O trabalhador Arelataque: “não traz nenhum benefício, a não ser as amizades que vão se formando com o tempo”. (Entrevista/2007). Ao ser questionado se consegue pagar todas as contas mensais com o dinheiro que recebe, ele responde que: “não, é muito pouco”. (Entrevista/2007). O entrevistado Bindica que “dá para o sustento da família e para pagar o aluguel”. (Entrevista/2007). Já o informante C comenta que:

Eu tenho a minha casa, eu tenho a minha vida, a minha família. Eu tenho orgulho. Eu tenho minha vaidade conduzida com equilíbrio. Eu tenho amigos que são oftalmologistas, cardiologistas, da mesma geração que eu. Eles dizem: Pôxa! [...] eu segui a minha carreira, mas quando eu vejo que tu fizeste muito mais pela minha cidade do que eu, quando eu vejo o seu nome no Salgueiro [...], ir para o Sul do país, sabendo que há uma discriminação e que os índios do Amazonas deram um show, ganharam o carnaval em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Manaus, e continuam. Quando eu vejo o Jairzinho, o Rocy, carnavalesco como eu, se firmando em São Paulo, é um prêmio. Isso é o valor maior, o reconhecimento. Isso vale a pena viver. [...] Eu fico feliz por ser filho de Parintins, um picolezeiro, que veio do Bairro de Palmares, de ter construído uma história. (Entrevista/2007).

O artesão Drevela que: “para falar a verdade, não traz muito benefício. Só para algumas pessoas, como eles lá que ganham de quinze a vinte mil pra lá, já dá para aparecer benefícios”. (Entrevista/2007). Quanto ao artesão E, ele aponta que: “traz emprego. Emprego é difícil na cidade. Assim é como consigo algum dinheiro”. (Entrevista/2007).

Ao falar dos benefícios que essa atividade traz, o trabalhador F relata que a atividade:

Traz benefício, não só para mim. Mas, para toda a minha família. Eu ajudo a criar o meu sobrinho, minha mãe que tem problema de saúde e ao meu próprio filho. Essa valorização que eu digo, tem uma importância e um valor, porque nesse momento que eu entrei no boi, não só no boi, mas no carnaval, eu aprendi muita coisa, a sair da perdição. Naquele momento, eu era um rapaz perdido, andava por ai quebrando garrafa na rua. Eu era um desordeiro. Aí, isso trouxe uma valorização imensa para mim. (Entrevista/2007).

O trabalhador G, acerca do mesmo assunto, comenta que:

Eu tô fazendo uma coisa que eu gosto de fazer e, que futuramente, se você se empenhar em fazer isso, lhe renderá frutos. O único benefício que eu vejo é aprender uma coisa que eu sonhava aprender e eu estou aprendendo. Você não pode construir um castelo com o que você ganha. O pouco que você ganha, você vai levando a vida como Deus dá. (Entrevista/2007).

O trabalhador H conta que: “com o dinheiro que a gente consegue lá, como a gente mora de aluguel, paga o aluguel e dá para ajudar os meus filhos que não vivem com a gente”. (Entrevista/2007). O trabalhador I considera que “dá para comprar muita coisa boa para casa” (Entrevista/2007). E para o trabalhador J, essa atividade: “traz prazer mental em ver a conclusão do trabalho”. (Entrevista/2007).

Portanto, apesar da precariedade que esse trabalho apresenta, os trabalhadores conseguem ter algum tipo de realização, ainda que não seja pelo lado financeiro. Mas, alguns dizem que a satisfação pessoal é válida. Porém, é importante lembrar que o trabalho é o meio pelo qual o homem se objetiva, se dignifica e leva o sustento para a sua família.

Segundo o relato dos trabalhadores acerca dos benefícios que a realização das atividades para o Boi leva

para as suas vidas, a maioria considera que, de alguma forma, pela oferta escassa de trabalho no município, esse trabalho acaba por ser uma opção de renda para muitas pessoas. Mesmo com toda essa precariedade é necessário trabalhar. E, como a cidade não oferece trabalho formal para todos os moradores, o que resta para alguns é submeter-se ao que aparece como atividade laboral, pois muitos desses trabalhadores não cumprem com as exigências do mercado.

Figura 1: Local de moradia de parte dos artesãos.



Fonte: Pesquisa de campo/ 2007
Foto: Rosângela de Oliveira Araújo

Quando termina a época do Festival Folclórico em Parintins, das 10 pessoas entrevistadas que desenvolvem os trabalhos como artesãos nos galpões dos Bois-Bumbás, todos realizam outras atividades de cunho econômico. Para tal, será também utilizada a fala desses trabalhadores.

O trabalhador A comenta que: “depois do festival, eu comecei a fazer umas assistências técnicas em computador. Depois do Boi, eu faço trabalho numa Lan-House. Só isso”. (Entrevista/2007). O trabalhador B revela que: “aí, para. Vou pra roça no interior. Quando chega aquele tempo, me chamam”. (Entrevista/2007).

O trabalhador C comenta que:

Eu sou um artista sazonal, inspirado em Jair Mendes. Uma hora você é chamado para dar suporte logístico num evento, outra hora tem que fazer um projeto. Acaba o festival, vou fazer o andor da santa, é uma doação. Acabou, você vai pra Manaus e interage com todas as ações, o Boi Manaus, o Natal. A nossa agenda de eventos é muito preenchida. A toda hora chamam a gente pra ir para São Paulo, Manaus. Há quatro anos eu não fui a esses lugares. Agora, esse ano, foi feito um trabalho na Coca-Cola. Fui chamado e eu aceitei. (Entrevista/2007).

O trabalhador D destaca que: “eu tenho meu emprego. Mas, eu tenho amigo que passa uma barra, porque depende do boi”. (Entrevista/2007). Segundo o trabalhador E: “não faço praticamente nada, só bicos”. (Entrevista/2007). O trabalhador F comenta o seguinte: “trabalho em montagem de grade, de janela, ou, então, eu viajo para outras cidades, assim como Manacapuru, pra Juruti”. (Entrevista/2007). Quanto ao artesão G, ele relata que: “eu participo do bozinho de maquete. Então, o que eu faço, eu vendo. É o fruto do boi grande, que já faço em maquete. E depois eu trabalho autônomo com panificação”. (Entrevista/2007). A trabalhadora H fala que: “fico parada, só cuidando de casa”. (Entrevista/2007). O artesão I trabalha, segundo seu relato: “como técnico de patologia Clínica”. (Entrevista/2007). E o artesão J, revela que é: “funcionário público”. (Entrevista/2007).

Nesse sentido, Singer (2003) considera que os pobres não podem se dar ao luxo de ficar desempregados. Aliás, o autor reconsidera essa assertiva e destaca que, na realidade, o máximo que podem fazer é ficar parados por algum tempo. No entanto, precisam buscar alternativas de ocupação para sua sobrevivência. Além dessa situação, que não é nova para quem é pobre, pois segundo o autor, as mudanças

ocorridas decorrentes da terceira revolução industrial não os afeta diretamente, o que na verdade se apresenta como obstáculo para novas ocupações é a concorrência com os novos desempregados, que oriunda da antiga classe média.

Então, verifica-se, na realidade desses trabalhadores dos Bois-Bumbás de Parintins, que grande parte não possui muitas opções de empregos e, ainda tem que conviver com a realidade de muitos que também trabalham como artesãos do Boi e têm empregos paralelos a esta atividade do Boi.

Grande parcela dessas pessoas encontra-se sem uma qualificação adequada para disputar o mercado de trabalho e, nesse sentido, Antunes (1995), Pochmann (2000), Singer (2003) e Tavares (2004), concordam que as relações e condições de trabalho tornaram-se fragmentadas e, nesse contexto, o trabalhador, tanto o formal, como o informal, tende a conviver com formas de trabalho precarizados. A respeito do que os artesãos seriam capazes de fazer para que seu Boi de preferência fosse campeão, verificamos em pesquisa, de acordo com o apresentado na Tabela 1 que:

Tabela 1: O que os artesãos seriam capazes de fazer para que o seu Boi fosse campeão

Entrevistados	Falas
A	Trabalho, somente. Não trabalharia de graça.
B	Muita coisa. Tralharia de graça, só pela experiência.
C	Tudo, só não com antiética, mas com ousadia. Eu faria de limpar o galpão a construir a melhor alegoria; de empurrar a alegoria, apesar de não ser minha função. É uma paixão desmedida.
D	Ajudar muito, pro Garantido sair bonito, perfeito.
E	Tralharia de graça, por amor ao Boi Caprichoso.
F	Faria de tudo pelo meu Boi. Montaria uma estrutura enorme, faria de tudo pro meu Boi voltar a ganhar.
G	Eu acho que nem tudo você consegue fazer. Mas, o mais importante é mostrar trabalho. Pro meu Boi ganhar, eu faria muitas coisas.
H	Ai meu Deus do céu, eu não sei o que eu faria. O meu Boi é vermelho e branco.
I	Deveria ter mais união.
J	Tralharia de graça. Eu me sinto realizado em trabalhar pro Garantido. Eu gosto de trabalhar no que faço.

Fonte: Pesquisa de campo / 2007.

Dos 10 entrevistados, somente 03 demonstraram o anseio de trabalhar sem remuneração para que seu Boi fosse campeão na disputa realizada. Os demais apostam no seu trabalho para que o seu Boi seja bem sucedido. Dentre os 10 trabalhadores entrevistados, podemos verificar a preocupação do artesão I quanto à união dos trabalhadores na realização das atividades.

A necessidade de reconhecimento do trabalho realizado é maior que o amor pelo Boi. Esse anseio por parte dos trabalhadores denota também a necessidade de ascensão no Boi, de poder chegar ao patamar dos artistas de ponta. Como já foi citado por alguns trabalhadores, a remuneração e o reconhecimento são diferenciados para os que desenvolvem os projetos junto com o Conselho de Arte do Boi e aqueles que executam o projeto. Nesse sentido, como já falou um dos artesãos, isso depende do esforço do próprio trabalhador.

As assertivas anteriores confirmam a fala de Silva (2002), ao comentar acerca dos trabalhadores do chão de fábrica da Zona Franca de Manaus que:

Ao consumirem a possibilidade de ser expurgados do mercado de trabalho como uma responsabilidade que lhes é absolutamente exclusiva, os trabalhadores legitimam as relações de poder instituídas e ratificam que os conteúdos conceituais entre o trabalho, esforço e qualificação indica uma assimilação coletiva que reduz equivocadamente o 'esforço' individual entre os 'capazes' e os 'incapazes'.

Acerca do significado do Festival Folclórico para a cidade e para a vida dos próprios entrevistados, observa-se na fala do trabalhador A que: "para a cidade é um meio de sobrevivência. Já não cresce muito. Sem o festival não teria crescido nada. É uma fonte de renda". (Entrevista/2007). Para o trabalhador B: "é uma festa animada. A gente fica animado para o Boi ganhar". (Entrevista/2007).

Acerca do mesmo assunto, o trabalhador C comenta que:

É a marca maior. (...) Porque hoje a cidade não é só uma referência de cultura. Hoje, ela exerce um papel fundamental. Se nós falarmos da questão ambiental, da biodiversidade, da raiz e tradição do nosso povo e, o principal, a presença indígena, que é uma herança deixada por nossos ancestrais que predomina desde a saga dos Tupinambás, que vieram e chegaram aqui e se defrontaram com os Parintintin. Estamos com a maior festa do mundo, e podemos transmitir isso com maior facilidade. (Entrevista/2007).

Já para o artesão D:

É uma coisa maravilhosa pra nós parintinenses. É o orgulho da gente este festival que atrai muita gente. É por isso que quando nós estamos ali lutando, fazendo alegoria para mostrar o que a gente sente, isso traz muita alegria. (Entrevista/2007).

No entendimento do trabalhador E, o festival propicia: “conhecer pessoas e, para a cidade, turismo”. (Entrevista/2007). Quanto ao artesão F em sua fala, ele observa que:

O festival é um privilegio que a gente teve de ter na nossa cidade. Não traz benefícios só para os artistas, mas para toda a cidade de Parintins. Todos colocam uma banca de churrasco, vendem cerveja. Então, isso traz uma valorização imensa para o povo de Parintins. O pessoal que tem suíte, hotel, acaba tendo um lucro nessas três noites do festival. (Entrevista/2007).

O significado do festival na fala do trabalhador G é o seguinte:

Para mim é renda de trabalho, ou seja, um dinheiro a mais que entra. Para a cidade, eu diria que a economia do município aumenta. Mas, assim como tem as vantagens, tem as desvantagens. De que adianta ser o maior festival do mundo se as autoridades não embelezam a cidade? As pessoas só saem com boa impressão do festival. (Entrevista/2007).

No entendimento do entrevistado H, o significado é este:

Ele significa muita coisa, de tudo que acontece lá dentro, as pessoas lá de fora dizem assim: - Eu vou pro festival! Na verdade, a gente estando aqui em Parintins, de perto, é uma coisa muito boa. A gente vê lá fora: - Ah! Eu tenho vontade de ir a Parintins, como eu mesma dizia, eu quero conhecer Parintins um dia. Eu trabalhei lá dentro. Significou muito para mim trabalhar lá dentro, foi uma felicidade para mim. [...]. Apesar de todo sofrimento que aconteceu para mim e para o meu marido, mas foi muito bom. (Entrevista/2007).

O artesão I fala que: “isso significa renda e cultura para o município”. (Entrevista/2007). Já o artesão J faz um comentário no mesmo sentido, informando que: “significa cultura, geração de emprego e renda para a cidade”. (Entrevista/2007).

Conforme a Tabela 2, na opinião dos artesãos quanto aos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso conservarem a sua essência, os mesmos relatam que:

Tabela 2: Os Bois perderam ou não sua essência

Entrevistados	Falas
A	Não conservam mais. Antigamente, antes de pegar fama, era algo muito provinciano. Todo mundo gostava. Era algo que falava sobre o caboclo. Agora não. Agora até astronauta já está no meio. Não tem mais nada a ver. Perdeu a essência. Todos dois estão assim.
B	Eu não sei.
C	As tradições são mantidas e precisam ser mais executadas, porque é a grande referência da cultura de um povo. Isso não impede que essa essência se confunda com o moderno.
D	Conserva sim.
E	Não conservam a sua essência. Estão iguais ao carnaval.
F	Os dois bois ainda conservam a tradição.
G	O Garantido conserva mais do que o Caprichoso. Eles colocam brilho demais.
H	Não perderam. Eles mostram a realidade e a originalidade.
I	Mudou muito. Eu gosto da raiz e ela não existe.
J	Algumas vezes sim, outras não. Esquecem a tradição do boi.

Fonte: Pesquisa de campo / 2007

Na hipótese deles trabalharem para o outro Boi, ou seja, para o Boi contrário, comentam o que segue. O artesão A fala que: "iria sim trabalhar para o outro Boi". (Entrevista/2007). No entanto, o artesão B (acha graça) e informa que: "não, acho que não. Eu não me sentiria bem". (Entrevista/2007).

Já o trabalhador C revela que:

O profissional não tem fronteiras. Quando as pessoas imaginam: -Ah! Tá traindo o Boi. Mas, eu queria descobrir o mundo lá. Ah! Mas, não consegui dar um título para o Garantido. Mas, eu deixei uma raiz lá. É pensar diferente, nunca no comum. (Entrevista/2007).

O artesão D comenta que: "trabalharia com a mesma dedicação, Queria trabalhar para o outro. Queria saber por que o Caprichoso vem de tantas derrotas". (Entrevista/2007). O artesão E destaca que: "se o outro Boi oferecesse melhor oferta, eu iria trabalhar". (Entrevista/2007). Quanto ao artesão F, ele diz que: "eu aceitaria sim a proposta deles. Nesse momento, a gente está numa disputa. Eu aceitaria ir para o outro Boi". (Entrevista/2007).

Acerca de ir para o Boi contrário, o trabalhador G comenta que:

Provavelmente eu iria sim, mas só por um período. A partir do momento que você nasce em Parintins, você já nasce Garantido ou Caprichoso. Se disser que é dos dois e nasceu em Parintins, vou dizer que está mentindo. Se você se considera um profissional, é você que está trabalhando. Dependendo do contrato e se me aceitarem de volta no Garantido. Enquanto num Boi não te dão valor, no outro te dão. (Entrevista/2007).

O trabalhador H fala sobre ir trabalhar para o outro Boi revelando que: "com certeza". (Entrevista/2007). Já o artesão I, revela que não iria: "nem pela questão financeira". (Entrevista/2007). E o artesão J, comenta que:

Eu iria trabalhar pelo dobro do que ganho. Se fosse menos, não iria, porque a pessoa tem que trabalhar por amor ao Boi, e eu me sinto realizado em trabalhar para o Garantido, porque eu gosto de trabalhar lá. Não é pelo aspecto do trabalho visando dinheiro. Eu tô ali trabalhando, porque eu gosto do trabalho. Eu gosto da época do festival. (Entrevista/2007).

Pode-se inferir na análise desses dados que mesmo os trabalhadores demonstrando amor à cidade, aos Bois de preferência e anseio de lutar pela ascensão de ambos, o apelo pela sobrevivência é maior que tudo isso.

Diante desses fatos, Parintins, no que tange a oferta de emprego e renda para a população da cidade, ainda está muito distante de ser alcançada como cidade modelo e, como falam os autores que deram suporte à

verificação dessas pontuações, o que resta para o trabalhador é viver sob formas de trabalhos precarizados.

Porém, para esses artesãos, o fato de estarem fazendo parte da construção, como eles falam: “do maior festival folclórico do mundo”, os faz se sentir parte importante e necessária à essa construção. Nesse sentido, verifica-se que para eles, destacar a cidade e o festival folclórico, é evidenciar a eles próprios, pois eles se sentem a própria alma deste evento e deste lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desvelar o significado desse trabalho para a vida desses trabalhadores, verifica-se que o que importa para eles, além da questão financeira para a sua sobrevivência, é ser valorizado e reconhecido como artista e artesão, que acima de executar tarefas, é capaz também de idealizá-las.

Porém, é como afirma Marx e Engels (2002), a burguesia tira essas possibilidades, ou seja, a possibilidade de criar. Podemos salientar que o ser humano por natureza é um ser criativo, pois se não fosse assim, não criaria alternativas de sobrevivência.

Além dessas colocações em relação ao trabalho, destaca-se também a valorização que esses trabalhadores têm pela sua terra, que também é a terra de uma das pesquisadoras desse grupo (Rosângela). Que com essas falas apresentadas no decorrer da pesquisa, o amazonense aprenda a valorizar a sua terra, assim como o parintinense faz com tanta sabedoria.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. O manifesto comunista. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- POCHMANN, Marcio. O trabalho sob fogo cruzado. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- SILVA, Marcia Perales Mendes. Significados do trabalho: a voz do trabalhador do chão de fábrica da Zona Franca de Manaus. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Juiz de Fora: ABEPSS, 2002.
- SINGER, Paul. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- TAVARES, Maria Augusta. Os fios (in) invisíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com